



Ainda distante do pleno emprego

Síntese: *O Brasil registrou no ano passado a mais baixa taxa de desemprego de sua história. Embora seja motivo de comemoração, infelizmente ainda não significa que o mercado de trabalho do país já viva uma situação de pleno emprego. Há enorme distância entre a realidade do Nordeste e a do resto do país, bem como uma situação crítica de desemprego entre os jovens. A renda do trabalhador voltou a ser corroída pela inflação em alta e, nos últimos oito anos, também cresceu bastante o contingente de empregados que recebem menos do que o equivalente a um salário mínimo.*

O Brasil registrou no ano passado a mais baixa taxa de desemprego de sua história. O país também vem batendo recordes de geração de novos empregos. São ambos motivos de comemoração, mas, infelizmente, ainda não significam que o mercado de trabalho brasileiro já viva uma situação de pleno emprego. Há muito a ser feito, principalmente em relação aos jovens e, mais especificamente ainda, nos estados do Nordeste.

Em 2010, a taxa média de desemprego caiu a 6,7% da população economicamente ativa nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE. O primeiro aspecto a considerar é que há diferenças regionais relevantes. Enquanto em capitais como Belo Horizonte e Porto Alegre, de fato, o nível de emprego aproxima-se da plenitude, nas duas capitais nordestinas analisadas as taxas mantêm-se muito mais altas do que na média nacional.

Entre as seis regiões acompanhadas pelo IBGE, Salvador é a que exhibe a pior situação, em quase todos os indicadores. Na capital baiana, a média de desemprego ao longo do ano passado foi de 11%. Em seguida, aparece Recife, com taxa de desocupação média de 8,7%. Como se pode ver, são números ainda muito altos e muito superiores à média nacional.

Jovens sofrem mais

Afora as discrepâncias regionais, o que mais preocupa atualmente nas estatísticas do mercado de trabalho do país são as altas taxas de desocupação entre jovens. Na média nacional, em dezembro o índice alcançou 11,5% entre os que têm entre 18 e 24 anos. Ou seja, entre os jovens o desemprego é duas vezes maior do que entre a população em geral (5,3% no mês passado).

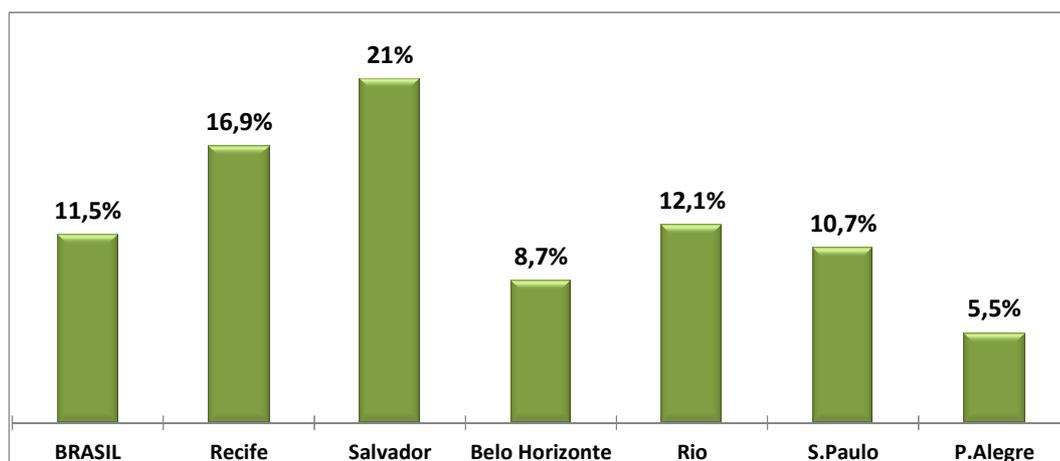
Novamente a situação é particularmente mais grave nas capitais nordestinas. Em Salvador, um de cada cinco jovens (21%) nesta faixa etária está desempregado. Em Recife, 17% da população com idade entre 18 e 24 anos não encontra trabalho. No extremo oposto, apenas 5% dos jovens porto-alegrenses estavam desocupados em dezembro passado. Vale ressaltar que, a cada ano, cerca de 2 milhões de jovens ingressam no mercado de trabalho.

Os indicadores chamam a atenção para a necessidade de dar melhor formação profissional a nossos jovens: de acordo com a PNAD, apenas 30,5% dos brasileiros que têm de 18 a 24 anos estudam. Modificar este quadro é algo que

esteve longe de ser a tônica nos últimos anos de governo petista. De 2003 até 2009, o número de alunos matriculados em escolas técnicas federais, por exemplo, cresceu apenas 10%, com abertura de 9 mil novas vagas, a maior parte concentrada em estados do Sul e Sudeste do país.

Também no Nordeste estão os mais baixos rendimentos pagos no país: em Salvador, o salário médio é 22% menor do que a média nacional e em Recife a diferença beira os 40%. É, ainda, nas capitais nordestinas – além do Rio de Janeiro – que o total de trabalhadores com carteira assinada mantém-se menor do que os formalizados, realidade que vem se alterando no restante do país.

Desemprego entre jovens de 18 a 24 anos (em % da PEA)



Fonte: IBGE / Pesquisa Mensal de Emprego - Dezembro de 2010

Um aspecto especial chama atenção para analisar o comportamento do desemprego no Nordeste. É justamente na região que se concentra a maior parte dos beneficiários do Bolsa-Família, programa que tem apresentado evidente deficiência para conseguir que seus assistidos ingressem ou se mantenham no mercado de trabalho.

Pesquisa recente feita pelo Ipea sob encomenda do Ministério do Desenvolvimento Social mostrou que, menos de um ano depois de contratados, metade dos beneficiários do Bolsa-Família perde o emprego. Uma vez fora do mercado de trabalho, menos de 25% são readmitidos nos quatro anos seguintes. Resta claro que se mantêm fechadas as portas para que os assistidos pelo programa caminhem por conta própria, longe da tutela estatal.

Trabalho precário

Embora o total de postos de trabalho esteja crescendo no país, uma parte relevante dos empregados ainda defronta-se com condições laborais precárias. Entre os 22,5 milhões de trabalhadores existentes atualmente nas seis principais regiões metropolitanas do país, 15% recebem menos que o equivalente a um salário mínimo mensal. É a chamada sub-remuneração.

Nos anos Lula, este contingente simplesmente dobrou: saiu de 1,672 milhão de pessoas em dezembro de 2002 para 3,348 milhões no mês passado. Não cresceu apenas em termos absolutos, o que poderia até ser natural, em razão do aumento do número de pessoas trabalhando. Mas subiu também em termos proporcionais, saltando de 9,2% da população ocupada para os atuais 15% ao longo dos últimos oito anos.

Um último aspecto a considerar é o efeito nefasto da inflação sobre os salários dos trabalhadores. Embora a renda tenha continuado a se recuperar no ano passado, na passagem de novembro para dezembro o rendimento médio real caiu em quatro das seis regiões pesquisadas, com destaque para Recife, onde a queda alcançou 8,9% em um mês. Na média nacional, o recuo foi de 0,3%.

A explicação para o perda está na aceleração dos preços verificada nos últimos meses, o que fez com que a inflação fechasse 2010 muito acima da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional para o ano. Um dos principais fatores a impulsionar a escalada é o crescente gasto do governo, que atingiu recorde histórico na gestão passada: 19,14% do PIB, com alta de quatro pontos percentuais ao longo do governo Lula.

Isso mostra que é necessário travar um incessante combate à inflação para preservar o poder de compra dos salários, uma corrida de obstáculos na qual o trabalhador sempre sai perdendo. Ao mesmo tempo, a análise cuidadosa dos indicadores de emprego permite aos gestores públicos identificar onde é preciso agir com maior rigor para que a geração de postos de trabalho de fato se espraie por toda a sociedade e por todas as regiões do país. A bem-vinda conquista do pleno emprego só virá se estas condições forem atendidas.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação do Instituto Teotônio Vilela.